

DO QUE RIEM OS AFÁSICOS

MARIA IRMA HADLER COUDRY
SÍRIO POSSENTI *
IEL/UNICAMP

Se um homem não entende as brincadeiras - adeus! E sabem, não pode ser mesmo inteligente, mesmo que seja um poço de sabedoria (Tchecov).

Neste trabalho, analisaremos dois episódios de recontagem de piadas por um afásico para outros afásicos e para os investigadores, bem como outras situações discursivas em que os mesmos problemas de interpretação ou produção de significação se manifestam. O objetivo é argumentar em favor de um percurso relacional entre discurso e cognição.

Há uma longa tradição que considera que as piadas se caracterizam pela brevidade - "a brevidade é o corpo e a alma do chiste" (Jean Paul, apud Freud (1905:26) - e "complexidade" do texto (ver Dascal (1985), Raskin (1985 e 1987), Possenti e Coudry (1991) e Possenti (1991) para argumentos). Estas características fazem delas um material privilegiado de investigação do funcionamento das línguas. A brevidade permite um controle relativamente fácil do pesquisador sobre os dados; a complexidade é uma garantia de acesso a dados relevantes.

Se se adota uma abordagem discursiva no estudo dos fenômenos linguísticos, os ingredientes que são responsáveis últimos pela natureza da piada aparecem como mais fundamentais do que os considerados mais relevantes em abordagens "cognitivistas". Isto porque as piadas jogam fundamentalmente com duplicidades, sejam elas de natureza estritamente linguística, sejam elas um misto de material estritamente linguístico e material de ordem mais amplamente contextual. Diante de dados tais, os exemplos típicos de teorias como a GGT (parece que ele vem, ele parece vir, eles se odeiam um ao outro, etc) ou de semânticas de tipo referencial (O autor de Waverly..., Sir Walter Scott...), embora coloquem problemas interessantes, soam até triviais. É que aqueles envolvem de modo crucial fatos de língua relacionados tanto com sua estrutura

* M. I. H. Coudry trabalha também na Unidade de Neuropsicologia e Neurolinguística da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp e é bolsista do CNPq, proc. no. 303975/85-2. Sírio Possenti é bolsista do CNPq proc. no. 303984/85-6. Este trabalho faz parte de pesquisas de ambos os autores apoiadas pelo CNPq.

quanto com seu uso social, enquanto estes envolvem basicamente problemas de estrutura; aqueles dizem respeito a várias funções simultâneas da linguagem, estes, a uma função única, mesmo que fundamental. Pensamos ser vantajoso assumir como princípio a "dualidade radical da linguagem, a um só tempo integralmente formal e integralmente atravessada pelos embates subjetivos e sociais" (Mainueneau 1987:12).

O estudo de dados obtidos de pacientes com afasia semântica, que afeta todo o processo verbal, mostra alterações de características constitutivas do processo de significação das línguas naturais. A idéia de investigar material chistoso na produção e interpretação de interlocuções de que participam afásicos parece, portanto, duplamente instigante. A situação se apresenta em "solução saturada", tanto pelas ricas características do material linguístico quanto pelas características do usuário em questão, que apresenta dificuldades linguístico-cognitivas para entender e recontar piadas, como veremos abaixo, e que por isso exhibe no limite certas condições de funcionamento da linguagem.

Que as piadas apresentam dados linguísticos em solução saturada seria fácil de demonstrar. Na verdade, uma lista de pequenos chistes mostra logo que praticamente todos os grandes problemas da linguística, aí incluídos campos mais recentes como a pragmática e a análise do discurso, são acionados pelos contadores e ouvintes de piadas. Nelas, segmenta-se alternativamente a cadeia sonora, acionam-se ambiguidades lexicais e estruturais, põem-se em jogo uso e menção, infere-se, pressupõe-se, leva-se em conta o conhecimento prévio e as leis conversacionais, etc. Os contadores e ouvintes de piadas são obrigados a conhecer as questões culturais e ideológicas mais problemáticas e complexas da sociedade, sem as quais as piadas não teriam razão de ser e nem conseguem ser interpretadas, porque estes ingredientes são fundamentais. Além disso, nos modos normais de circulação e acesso a estes textos, exige-se uma análise instantânea, o que põe à prova ainda mais crucialmente o domínio linguístico e discursivo dos falantes.

Considerem-se, intuitivamente, estes poucos casos, para confirmar o que acaba de ser dito:

- 1) A mãe volta de viagem e o filho lhe diz:
 - Mim dormi com o papai ontem
 - Eu dormi - corrige a babá.
 - Só se foi depois que eu peguei no sono.
- 2) - Meu filho, o que é que se diz quando a visita vai embora?
 - Graças a Deus.
- 3) - Sua mãe está aí. Você não vai receber?
 - Receber por que? Por acaso ela me deve alguma coisa?
- 4) - Manuel, você sabe o que é homossexual?

- É um sabão para lavar as partes.
- 5) - Comandante! Estou vendo uma tropa se aproximando!
- São amigos?
- Acho que sim. Estão todos juntos.
- 6) - Você sabe definir um motim?
- Sei. É uma reação em cadeia.

Em termos neurolinguísticos, assumimos uma perspectiva teórica afinada com os trabalhos da Análise do Discurso que pode ser chamada de terceira geração (Pêcheux 1983), e com uma concepção integrativa e dinâmica da atividade mental, baseada nos postulados vygotskyanos acerca da natureza sócio-cultural dos processos mentais. Segundo esta concepção, a linguagem, ao mesmo tempo que tem um papel em cada um dos processos cognitivos, tem em relação a eles uma posição privilegiada, de ser mediadora, tanto em termos inter-cognitivos (mediando a relação do sujeito com o mundo social) como inter-cognitivos (mediando os diversos aspectos da atividade mental).

Uma das características constitutivas das línguas naturais é sua heterogeneidade, característica que se tornou mais visível à luz das obras de Bakhtin (historicidade e dialogicidade como características básicas das línguas) e de certas correntes da psicanálise (pelo que esta abordagem revela sobre a potencialidade de o significante ser contexto de produção de sentidos e de associação). Afirmar a heterogeneidade das línguas naturais é recusar-se a tratá-las como código, e postular sua indeterminação. Conceber a língua como código é assumir que o conteúdo semântico está integralmente explicitado por estruturas sintáticas. Seria tedioso repetir aqui argumentos para mostrar que sentidos são veiculados mesmo sem estarem codificados. Tomamos isto como aceite ou, pelo menos, conhecido.

Posição contrária é assumir a indeterminação das línguas, isto é, postular que não há relação biunívoca entre forma e conteúdo, de maneira que ora as formas de expressão são redundantes, ora insuficientes; ora o mesmo sentido se expressa por várias formas, ora a mesma forma expressa vários sentidos (Franchi 1976, 1977). Assim, fatores contextuais, de alcance imediato (como os situacionais) ou constitutivos (como as condições mais gerais de produção) não são meros acréscimos, mas definidores das condições de existência e de uso social das línguas naturais. Em especial são definidores do sentido.

Se olharmos a lista que, didaticamente, é apresentada por Maingueneau (1987) para expor o conceito de heterogeneidade, por um lado, se examinarmos piadas, por outro, e se analisarmos ainda os dados obtidos em interlocuções com afásicos

tentando entender e contar piadas, veremos que quase todos os mecanismos que marcam a heterogeneidade estão ausentes na linguagem do afásico, e que estão presentes crucialmente em piadas.

A idéia básica da heterogeneidade é a de que todo discurso tem com outro uma relação não casual, mas constitutiva. Esta relação pode ser chamada de mostrada (ver Authier-Revuz 1982), quando há marcas (p. ex., discurso direto, indireto, ironia, pressuposição, considerações epilinguísticas do próprio locutor, etc.) ou não estar visivelmente marcada e, no entanto, ser relevante, dita constitutiva dos discursos. Assim, um discurso tem com outro relações diversas, como as de oposição, de complementariedade, de inclusão, etc, mesmo que isto não esteja visível no texto. Manter uma ou mais de uma destas relações com outros textos é de sua natureza enunciativa e é da história das línguas, nas quais todas as palavras são, segundo jargão já corrente, atravessadas por muitos discursos, isto é, têm uma história que está longe de ser resultado de uma convenção pacífica que produziria ou uma univocidade de sentido, ou, pelo menos, univocidade em campos ou contextos previamente definidos - salvo talvez se utilizada em contextos quase formais. Assim, a ambiguidade, a proliferação dos sentidos, fruto de associações com outras palavras e outros textos, é constitutiva, e não excepcional ou circunstancial ou acrescida.

As piadas vivem da heterogeneidade. Dos múltiplos efeitos de sentido ligados ou associados, livres ou "convencionalmente", às mesmas formas; da relação de formas com seu "exterior", que tanto pode ser uma situação visível (um fato), quanto algo que resulta de um contexto linguístico (ver Dascal 1989:31).

As piadas exigem que os interlocutores operem ativamente sobre as relações de sentido. Não lhes basta o conhecimento gramatical. Trata-se, para os interlocutores, de fazer com que as expressões rendam o máximo de sentidos em conexão com situações, imediatas ou culturalmente assentadas, nas quais os interlocutores estão mergulhados e que os discursos não só refletem, mas ajudam a constituir.

O interesse pelo estudo das afasias tem sido o de investigar, por meio de análise de mecanismos linguístico-cognitivos, os processos de significação alterados, por um lado, e, por outro, as alternativas de que o sujeito lança mão na reconstrução de formas linguísticas para interagir apesar de suas dificuldades.

Dizemos que o sujeito está afásico quando lhe faltam recursos expressivos e interpretativos da linguagem, sejam eles relativos ao sistema linguístico, sejam relativos aos processos discursivos que se desenvolvem sobre este próprio sistema. A afasia é uma perturbação no processo de significação em que há alterações em um dos níveis linguísticos, com repercussão em outros. Causada por lesão adquirida no sistema nervoso central em virtude de acidentes vasculares cerebrais, traumatismos crâneo-encefálicos ou tumores, a afasia é em geral acompanhada por alterações de outros processos cognitivos (agnosias, apraxias, discalculia, etc), e de outros sinais neurológicos (como a hemiplegia, por exemplo).

Nossa hipótese mais forte neste trabalho é a de que é porque não incorpora a heterogeneidade do discurso de que participa que o portador de afasia semântica manifesta uma forte tendência a uma mesma interpretação: em geral, esta é determinada por uma característica de tipo "objetal": o único sentido a que tem acesso é o que se relaciona diretamente com determinado objeto (ver abaixo o exemplo com "martelar"), com literalidade estrita (ver exemplo com "fim de ano") ou com sua experiência pessoal (ver exemplo com "sogra"). Por isso, tem dificuldade em decifrar os "segredos" das piadas.

O caso AF

Sujeito de 38 anos, destro, motorista profissional, com escolaridade até 3ª série do primeiro grau. Sofreu um traumatismo crâneo-encefálico que acometeu o hemisfério esquerdo. A tomografia computadorizada revelou uma lesão na região temporal esquerda. Ao exame neuropsicológico e neurolinguístico, foi diagnosticado inicialmente um distúrbio cerebral difuso de predomínio frontal - afasia dinâmica, segundo classificação Luriana - que evoluiu para uma afasia semântica, persistindo problemas de seleção relativos a manutenção do tópico conversacional, com a relevância de temas em relação a seus propósitos e, principalmente, com sentidos indiretos ou implicados. Só para dar um exemplo de seu quadro inicial, a uma pergunta sobre se ele tocava violão antes do acidente, começou a contar, sem parar, a história de seu casamento.

Um dos problemas semânticos iniciais de AF, tanto em termos de produção como de interpretação, era selecionar ou manter o que é topicamente relevante. Durante o acompanhamento longitudinal de AF, observou-se que as formas através das quais "resolvia" seus problemas linguísticos, presentes tanto em diálogos como em narrativas, como se vê na produção e na interpretação de piadas e provérbios, ficam na dependência do sentido afetivo, nos termos de Luria (1979). AF não interpreta a partir do discurso, mas a partir da referência objetal ou de sua experiência pessoal. Isso pode não se configurar às vezes como problema; mas o fato é que certos textos exigem arbitragens intertextuais que se definem a partir de referências estabelecidas culturalmente, isto é, os textos têm condições de produção que os retiram da órbita de uma possível leitura livre por parte do interlocutor (ver nota 16 de Pêcheux & Fuchs 1975:238).

Para ilustrar os problemas semânticos de AF, servimo-nos de alguns exemplos que esclarecem seu déficit afásico, tanto do ponto de vista linguístico quanto cognitivo. Queremos com isso mostrar "lugares" em que se pode flagrar um funcionamento deficitário, e por isso afásico, em relação ao papel da linguagem na construção de significações e como mediadora de outros processos cognitivos.

Na sua relação com enunciações proverbiais, AF mostrou vários problemas, seja na manipulação de sentidos indiretos e menos cristalizados, seja na incorporação

do discurso veiculado pelo provérbio (tema, no sentido de Bakhtin). É característica recorrente do quadro afásico de AF a dificuldade de manipular a condição polissêmica e não unívoca da língua; sua interpretação objetual interfere nos aspectos discursivos que orientam a significação; seu problema de seleção semântica (quer lexical, quer de tópicos) dá origem a parafasias, digressões, mal-entendidos, não reconhecimento de intenções, etc.

Veja-se, no exemplo abaixo, a dificuldade típica de AF com enunciações proverbiais:

- a) - AF vinculou o provérbio "Feliz foi Adão que não teve sogra" a um sentido individual, relacionado a sua própria experiência, embora respondesse a perguntas da investigadora de modo tal que demonstraram que mantinha o conhecimento enciclopédico: AF sabe que Adão foi o primeiro homem, que a Eva foi a primeira mulher, que sogra é a mãe da mulher ou do homem com quem se é casado, etc. O que não consegue dizer é que, neste caso, o texto significa que ter sogra é ruim, que mulher é Eva, que sogra é a mãe de Eva. Mesmo quando a investigadora intervém muito clara e quase diretamente, perguntando se, afinal, segundo esse provérbio, ter sogra é bom ou ruim, ele diz que é bom e volta a seu caso pessoal: "eu viajava sempre e em todos os lugares, tava [...] podia estacionar e já tava na mão [...]", distanciando-se de uma interpretação intertextual ou histórica.

Mostraremos, a seguir, analisando um conjunto de dados relativamente diversos entre si, algumas das dificuldades semânticas de AF e sua repercussão enunciativo-discursiva.

- b) - Uma atividade no grupo de afásicos consistiu em cada um contar aos outros onde morava, fornecendo os pontos de referência a partir dos quais um interlocutor que não conhecesse o local deveria poder localizá-lo. Os demais integrantes serviram-se de pontos de referência conhecidos e identificáveis como, por exemplo, a prefeitura, o Banespa de Barão Geraldo, a rodoviária, etc. AF, que mora numa cidade próxima a Campinas, disse que sua casa ficava perto do bar da esquina e era a segunda da quadra de uma rua que ia e vinha.

Este tipo de informação, que evidentemente não permite que se encontre sua casa, revela que AF parece não levar em conta que seu interlocutor não sabe onde ele mora: deu referências de quem pressupõe que seu interlocutor já conhece as proximidades, faltando-lhe apenas localizar a casa.

- c) - Numa outra atividade de grupo em que se pretendia investigar relações entre a afasia e a representação gestual, a proposta foi que cada um representasse, dramatizando, um tipo de profissão. AF escolheu "pipoqueiro". Começou,

agachado, representando mimicamente uma roda, que ele girava em posição vertical, o que levou o grupo, na tentativa de adivinhar de que profissão se tratava, a dizer "borracheiro", "mecânico", "corredor de Fórmula 1", etc. Finalmente, esgotado um rol de possibilidades plausíveis, uma paciente disse "pipoqueiro", e AF confirmou. O grupo manifestou estranheza com a representação. Indagado sobre o porquê de sua representação, de seu gesto, AF disse: "porque meu pai era pipoqueiro e a roda do carrinho dele [...] sempre encrencava". Como se vê, neste exemplo também AF recorre a sua experiência individual para a construção de significações, mesmo com linguagens especiais.

Estes fatos revelam, em termos lurianos, que o aspecto cognitivo alterado pela afasia de AF diz respeito a sua capacidade de operar no plano das relações lógico-gramaticais e abstratas e no plano do pensamento categórico, ambas produzidas sócio-historicamente, e por isso não redutíveis à experiência pessoal. De acordo com este parâmetro teórico, diríamos hoje que ao pensamento produtivo de AF fazem falta matrizes semânticas a partir das quais aceda, por inferências, a sentidos indiretos ou à polissemia. No que tange a este último aspecto - central para os nossos propósitos - é como se a linguagem não carregasse a experiência cultural de gerações, que os provérbios, as piadas, e outros tipos de discurso "saturados" revelam mais claramente, mas que não são dispensáveis mesmo em instâncias como as acima, aparentemente triviais.

As relações de sentido recobrem manifestações do funcionamento da língua como a pressuposição, os diversos critérios da textualidade (argumentatividade, coerência, coesão, intencionalidade, etc.), a relevância tópica, o trabalho inferencial, o reconhecimento de intenções, as leis discursivas, etc. Nos termos de Geraldí (1990), elas recobrem as "operações discursivas com as quais, utilizando-se de uma língua que é uma sistematização aberta (ou seja, relativamente indeterminada), o locutor faz uma "proposta de compreensão" a seu interlocutor" (p. 194). É o que AF não faz mais.

O próximo exemplo ilustra, de outra maneira, a interpretação restrita típica de AF, que é um misto de recurso a sentidos relacionados com sua experiência pessoal e concreta e a sentidos o mais literais possível.

d) - Depois de um mês de férias, na primeira sessão do grupo em 1991, os pacientes contavam o que fizeram no final do ano e um deles perguntou a AF:

S. - O que fez no fim de ano?

AF.- No fim do ano eu fui lá na casa do meu ex-cunhado, que fez uma festinha lá, churrasco, cerveja, um som lá, ele pôs bastante música, assim, e dançamos a noite inteira.

Fim de ano, para AF, significa só o último dia do ano. A referência a fim de ano consiste em relatar que foi à casa do ex-cunhado no dia 31 de dezembro, ou seja,

elimina a interpretação usual segundo a qual a expressão "fim de ano" refere um período mais longo de tempo, que foi o que outros pacientes fizeram e era o que a pergunta que S fez a AF demandava como resposta.

- e) - Em outra atividade, AF tinha que formular um final de história. Dado o final, o grupo iria fazendo perguntas até montar um "solving-problem" compatível com a seguinte história, que só ele conhece: três anões assaltaram um banco de uma cidade onde todo mundo se conhecia; assaltaram disfarçados, mascarados, destruíram as provas do assalto, esconderam o dinheiro, mas a polícia conseguiu descobrir, de imediato. Como e por que?

Observe-se a "dica" fornecida por AF:

AF. - Era uma vez numa cidadezinha, uma turminha que resolveu fazer um assaltinho.

Na formulação do enunciado, AF não conseguiu se desvencilhar do segredo da história, deu mais indícios do que devia, sobredeterminando morfológicamente o conteúdo semântico da instrução final: com tantos diminutivos, só poderia tratar-se de anões...

- f) - Neste outro exemplo, o déficit de AF se manifesta pela dificuldade de operar com discurso citado. Veja-se:

I. - Qual foi o recado do seu Pedro pra você?

AF. - Que você foi lá no ... escritório.

I. - Escritório?

AF. - Foi lá telefonar ...

I. - Telefonar pra casa.

Este exemplo mostra uma dificuldade específica de AF com a construção do discurso indireto: a resposta à pergunta inicial deveria ter sido "o seu Pedro disse que você foi telefonar para casa". AF consegue permanecer no frame, mas substitui telefone por escritório (menciona um objeto presente no escritório ao invés de mencionar o escritório), instabilidade que compromete o conteúdo semântico preciso da enunciação sobre a qual se estrutura o relato (Bakhtin, 1979), de modo a fazer com que ela não conserve sua autonomia.

Recontagem de piadas

Na abordagem discursiva que adotamos, aceita-se que a sedimentação do sentido dá-se historicamente. Fruto da prática social, só é capturável pelo papel

mediador tributário da linguagem. Mas não é porque é social que o funcionamento da linguagem dispensa o trabalho dos interlocutores para interpretá-la. Nem a forma, nem o sentido se dão magicamente, como efeito do discurso. Os interlocutores trabalham sobre a matéria linguística, lançando mão de estratégias, que também são sociais. São estas estratégias que por vezes fazem falta à AF:

- 1) AF conta a outro paciente, EF, uma piada que acabara de conhecer e que consiste, no que é relevante para a questão que aqui se analisa, num desenho com um homem empunhando um martelo e com o qual prega um cartaz, no qual está escrito "Paz Mundial"

AF. - É sobre um moço, a paz mundial.

I. - Que que ele fazia com a paz mundial?

AF. - Ele colocava a ... martelo, martelava.

I. - (dirigindo-se a D) O senhor entendeu alguma coisa? O que ele fazia com a paz mundial?

AF. - Colocava.

I. - Colocava?

AF. - Colocava a paz, pra ter paz no Brasil.

I. - Mas o que ele fazia com a paz mundial? Ele colocava? Essa é a expressão melhor pra chegar no fim da piada? O que ele fazia com a paz mundial? Ele ... É isso que você, você tem que escolher exatamente a palavra ... chave, senão não dá certo a piada. Ela fica sem graça. O senhor D não entendeu.

AF. - Batia como um martelo

I. - Mas dá pra bater como um martelo a paz mundial?

AF. - Não.

I. - Não. Não é tudo que combina com tudo. Então, o que ele fazia ó Bater como um martelo ... qual é outra palavra sinônima dessa daí? Pensa no prego.

AF. - Prego ... é

I. - À uma palavra que parece com prego. Bater com martelo é a mesma coisa que ... pre ... pre ...

AF. - Pregar. (segue)

Este dado também mostra a mesma instabilidade de AF em relação a um conteúdo semântico preciso. Sua dificuldade de encontrar a boa palavra (pregar) atesta a não reversibilidade entre o textual e o social, vertentes do discurso que integram a prática discursiva (Maingueneau 1987) e pelo qual se reconhece a significação. A solução de AF, como nos outros exemplos, é de tipo objetual, fruto da interferência muito forte do objeto martelo, que faz com que selecione "martelar" e não aceda a "pregar".

- 2) O investigador contou a AF a seguinte piada: Tinha um cara que tinha 15 filhos e que foi procurar um emprego. Falou para o patrão: - "Eu preciso arranjar um emprego porque eu tenho 15 filhos". O patrão respondeu: - "E o que mais o senhor sabe fazer?"

Foi só após sucessivas paráfrases do texto por parte do investigador que AF entendeu a chave da piada, que consiste numa interpretação precisa do pressuposto veiculado em "e o que mais ...". Dias depois, AF recontou a mesma piada para outro investigador.

- I. - E a piada do cara de 15 filhos?
F. - ... 15 filhos? Casou e teve ... 15 anos teve 15 filhos. E depois dos 15 filhos ele foi procurar emprego. Daí o patrão ... ele foi procurar serviço e falou pra ele que sa ... falou sei, não ... depois desse tempo você já teve 15, então serviço não tem, tem ... tem ... outros ... outros [...] e outros peda ... outra idéia sei lá, o serviço ... sem ter, sem ser serviço.
. - Entendi nada ...
F. - Sem ter, sem ser o serviço.
. - Entendi nada ...
F. - Sem ter o serviço, ele falou que ... falou que tinha outro serviço ...
. - Que outro serviço?
F. - Aí esqueci um pedaço.

O mais evidente nessa recontagem é a dificuldade de AF em aceder a sentidos heterogêneos (ver análise da pressuposição nesses termos em Maingueneau (1987)). Além do mais, nesta piada a habilidade de fazer filhos é posta no mesmo nível de habilidades profissionais, o que deixa mais claro que o sentido de textos como este não pode ser apreendido com base apenas no material linguístico. O que AF demonstra é uma dificuldade de seleção lexical (por isso ocorrem parafasias semânticas, hesitações com sucessivas tentativas epilinguísticas de encontrar um recurso que veicule de maneira mais usual a significação do texto) que repercute na relação essencialmente dialética entre discurso e cognição. Em outras palavras, as dificuldades semânticas, por sua origem, e discursivas, por seus efeitos no funcionamento da linguagem, que observamos em AF, parecem indicar que o que está afetado são um ou mais aspectos do sistema linguístico que repercutem na relação entre discurso e cognição. O pensamento de AF está afetado nesta justa medida, nem mais nem menos, o que diferencia seu problema semântico, por exemplo, dos que ocorrem em portadores de demências neurodegenerativas.

Mas, afinal, do que riem os afásicos? Como todos, riem do cômico. Riem no fim das piadas, porque sabem que nessas circunstâncias se ri, como muitos que

passam por normais. E do humorístico, quando entendem. A diferença é que, em geral, entendem menos.

BIBLIOGRAFIA

- AUTHIER-REVUZ, J. (1982). "Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans de discours". in: **DRLAV**, 26. Paris, Centre de Recherche de L'Université de Paris VII. pp.91 - 151.
- BAKHTIN, M. (1979). **Marxismo e filosofia da linguagem**. S. Paulo, Hicitec.
- DASCAL, M. (1985). "Language use in jokes and dreams: sociopragmatics vs. psychopragmatics". in: **Language & Communication**, 5 (2). pp. 95 - 106.
- _____. (1989). "Why does language matter do artificial intelligence?". Trabalho apresentado no Simpósio Internacional Comunicação, Significado & Conhecimento. Lisboa, 13-15 set. 1989. Mimeo
- FRANCHI, C. (1976). **Hipóteses para uma teoria funcional da linguagem**. Campinas, Unicamp. Tese de doutoramento. Inéd.
- _____. (1977) "Linguagem - atividade constitutiva". **Almanaque**, 5. São Paulo, Editora Brasiliense. pp. 9 - 27. (reeditado em **Cadernos de Estudos Linguísticos**. 22 - Homenagem a Carlos Franchi - Campinas, Unicamp. 1992. pp. 9 - 39).
- FREUD, S. (1905). **Os chistes e sua relação com o inconsciente**. Rio de Janeiro, Imago Editora. 1977.
- GADET, F. e Hak, T. (orgs). **Por uma análise automática do discurso; uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas, Editora da Unicamp. 1990.
- GERALDI, J. W. (1990). **Portos de passagem**. São Paulo, Martins Fontes.
- LURIA, A. R. (1979). **Curso de psicologia geral**. vol. IV. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira
- MAINGUENEAU, D. (1987). **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas, Editora da Unicamp-Pontes. 1989.
- PÊCHEUX, M. & Fuchs, C. (1975). "A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas". in: Gadet e Hak (orgs). pp. 163 - 252.
- PÊCHEUX, M. (1983). "Análise do discurso: três épocas". in: Gadet, F. e Hak, T. (orgs). pp. 311 - 319.
- POSSENTI, S. (1991). "Pelo humor na linguística". **DELTA**, 7 (2) São Paulo, PUCSP. pp. 491 - 519.
- POSSENTI, S. e Coudry, M. I. H. (1991). "A relevância de piadas em protocolos de afasia". in: **Estudos Linguísticos XX**; anais de seminários do GEL. Franca, União das Faculdades Francanas. pp. 725 - 732.
- RASKIN, V. (1985). **Semantic mechanisms of humor**. Dodrecht - D. Reidel Publishing Company.
- _____. V. (1987). "Linguistic heuristics of humor: a script based semantic approach". in: **International Journal of Sociology of Language**, 65. pp. 11 - 25.